

**NOTAS SOBRE A PREMATURIDADE DOCENTE E O PAPEL DO PIBID NA
FORMAÇÃO INICIAL DE LICENCIANDOS EM LÍNGUA INGLESA**

Matheus Ferreira de Jesus (Graduando – UFS/CAPES)

Resumo: Amparado pela concepção de pesquisa heurística (MOUSTAKAS, 1994), este trabalho é uma reflexão sobre o papel do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) na formação inicial de licenciandos em língua inglesa. Seguindo o método da fenomenologia da educação (REZENDE, 1990), analisam-se as impressões de graduandos, bolsistas e voluntários de iniciação à docência (ID) acerca do significa fazer parte do Pibid. Os dados foram levantados por meio de questionários, os quais mapearam as diferentes causas e relações de influências, considerando as dimensões do sentido existencial, da essência do fenômeno e de sua indeterminação e polissemia característica. Interpretam-se os dados sob o prisma da hermenêutica fenomenológica (IFA, 2015; SEIBT, 2012), partindo do conceito heideggeriano de ser-no-mundo para compreender como o sujeito afeta o mundo e vice-versa, objetivando discutir como a manifestação da influência causada na formação inicial é determinada pela troca de experiências e o caráter colaborativo do programa, sendo esse o primeiro passo para que os membros se percebam enquanto professores em formação.

Palavras-chave: Pibid, formação inicial de professores de inglês, fenomenologia da educação, hermenêutica

Uma (não tão) breve introdução

Imagino que uma boa maneira de começar este texto seja com a pergunta que o gerou: o que significa fazer parte do Pibid? Escrevi esta pergunta em meu diário de campo durante uma das primeiras reuniões do subprojeto de Inglês, quando, a partir de “Pedagogia da Autonomia”, livro escrito por Paulo Freire, discutimos uma série de questões sobre educação. Entre elas, o papel social do professor. Ao longo da discussão, meus pensamentos se desviaram para o meu papel enquanto bolsista de ID. Então, seguindo a sugestão das professoras-coordenadoras sobre tomar notas das atividades do e relacionadas com o programa, escrevi a pergunta que expus acima e tornei a reescrevê-la e tentar respondê-la algumas vezes em meu diário, fosse durante uma de nossas reuniões, das observações de aulas ou nas conversas informais com colegas.

Foi graças à reflexão abordada por Freire (2015, p. 30-31) acerca da estreita correlação entre ensino e pesquisa e da necessidade do professor se perceber como pesquisador e, assim,

iniciar um processo constante de auto-indagação, que me dei conta do quão fértil podiam ser as reflexões suscitadas por aquela pergunta. Ainda tendo como norte as reflexões freireanas (2015, p. 28-29), busquei adotar um método rigoroso e, dessa forma, me alinhei à proposta de Telles (2012, p. 110-113), a pesquisa heurística, caracterizada como um método de revelação de significados e essências de uma determinada experiência (TELLES, 2012, p. 111), assim visando não apenas desvelar um fenômeno e suas implicações, mas também suas relações comigo enquanto pesquisador. Tratarei da articulação e o aprofundamento desses conceitos na seção intitulada “Há necessidade de auto-reflexão”.

É também necessário retratar qual é o ambiente em que me situo enquanto pesquisador. Como explica Nascimento (2018, p. 40), foi visando promover a valorização do magistério e a formação inicial de licenciandos que o Ministério da Educação instituiu, a partir da Portaria Normativa nº. 38/MEC de 2007, o Pibid; o projeto é vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e suas ações se iniciaram em 2008, quando a Universidade Federal de Sergipe (UFS) já integrava o programa; apesar disso, o subprojeto de Inglês, locus de análise e enunciação deste trabalho, foi incluído apenas no segundo edital, no ano de 2009. Para melhor localizar o leitor, o subprojeto de Inglês é atualmente composto por duas coordenadoras de área (professoras de nível superior), seis supervisores (professores da educação básica) e sessenta bolsistas e voluntários (graduandos da primeira metade dos cursos com habilitação em Inglês). É nesse último grupo que me situo e também os autores das respostas apresentadas na seção “O(s) ser(es) no(s) mundo(s)”, onde apresento e relaciono alguns depoimentos sobre o Pibid e as relações nele construídas.

Antes da seção dedicada à exposição dos dados, detenho-me, em “Mais que um fenômeno”, na descrição do procedimento que segui durante o levantamento, a análise e a correlação desses dados; justificando meu alinhamento com a fenomenologia da educação (REZENDE, 1990, p. 70-71) e aprofundo os três movimentos metodológicos operados nesta pesquisa.

Na seção “Uma interpretação possível?”, orientado pela hermenêutica

fenomenológica, processo interpretativista que busca alcançar a essência de um fenômeno vivenciado e descrito pelo pesquisador (IFA, 2015, p. 233), sugiro minha leitura dos dados e, por fim, uma consideração final traduzida em forma de resposta para pergunta que levantei no primeiro parágrafo desta seção. Assim, parcialmente retomando e concluindo a inquietação inicial.

Há necessidade de auto-reflexão

Para explicar um pilar fundamental deste trabalho, proponho articular o conceito de professor- pesquisador proposto por Freire (2015, p. 30), em que se estabelece a necessidade de se desenvolver um processo constante de auto-indagação acerca das próprias vivências para, então, melhor compreendê-las, com a modalidade de pesquisa heurística situada na obra de Moustakas (1994, p. 22) e descrita como um processo que começa com uma pergunta pessoalmente desafiadora e intrigante para o pesquisador e que, na busca por uma resposta possível, o faz compreender melhor a si e ao ambiente em que está inserido.

Na obra do autor acima apontado, não há referência ao cenário docente, contudo, Telles (2012, p. 110) promove uma relação entre a pesquisa heurística e a prática docente reflexiva, possibilitando que o pesquisador em si seja o pesquisado, assim, como colocado por Moustakas (1994, p. 21), ele não só compreende o fenômeno que estuda, como também vivencia crescente autoconsciência e autoconhecimento ao longo da sua pesquisa. Este é, exatamente, meu objetivo aqui: compreender o Pibid enquanto fenômeno e seus efeitos na formação inicial de licenciandos em língua inglesa. Afinal, os sujeitos só existem enquanto compreendendo como estão envolvidos com sua realidade (SEIBT, 2010, p. 11) e, por isso, corroboro Fonseca (2010, p. 66) ao admitir que se tentasse entender apenas de um ponto de vista teórico o diálogo entre um fenômeno e os sujeitos nele envolvidos, e me incluo aqui, o sentido que busco, possivelmente, me escaparia. Concorro, em última instância, com Josgrilberg (2015, p. 7), pois busco, por meio do olhar fenomenológico, elucidar *minha* relação com o sentido, como cheguei a ele, como o concebi e essa busca se dá pelas minhas experiências e vivências através da e inserido na linguagem.

Esta é, então, uma reflexão alinhada com a de Menezes de Souza (2011, p. 296), em que *leio me lendo*, consciente de que estou me valendo de uma série de textos para construir meus próprios sentidos e esses são, portanto, indissociáveis do meu contexto. Pois, como bem colocado no sintético excerto abaixo:

Somos históricos, concretos, situados, circunstanciados, temporais. A teoria é sempre produzida a partir deste horizonte prévio. Qualquer autocompreensão ou explicação dos entes enraíza-se no solo originário prático. Proposições, significados, teorias são sempre históricas e temporais, tal como o é o ser humano que as produz. (SEIBT, 2010, p. 3)

Assim, tanto a pergunta quanto a resposta, bem como tudo mais por mim enunciado, constitui uma leitura subjetiva, que busca, antes de mais nada, compreender a si mesma, aceitando seu caráter provisório e inacabado e, portanto, polissêmico.

Mais que um fenômeno

De acordo com Rezende (1990, p. 35), um das maneiras possíveis de caracterizar a fenomenologia é como o estudo das essências dos fenômenos. Mas, como bem colocado por Josgrilberg (2015, p. 8), considerar uma absolutidade da essência nos levaria ao idealismo, ou seja, uma compreensão unívoca e incontestável de uma suposta verdade. Portanto, apesar de propor uma essência para o Pibid como resposta à pergunta que levantei no início deste texto, reitero que é uma leitura subjetiva e, até mesmo, como dito anteriormente, provisória.

Feita a ressalva, dedico-me a descrever a postura sugerida por Rezende (1990, p. 34-35) e por mim adotada, em que se pretende encarar os fenômenos como estruturas dialéticas indissociáveis, a exemplo de ser humano e mundo, sujeito e objeto, existência e significação; não se quer, dessa forma, uma dualização ou polarização do mundo, mas sim uma compreensão de que os sujeitos só existem em relação com os mundos em que estão inseridos. Afinal, o ser huma,

Sendo no tempo e não podendo elevar-se para fora dele, não pode nunca dispor absolutamente do seu ser e do ser dos demais entes do mundo. Não

pode, por isso, separar sua interpretação do ato de interpretar a realidade e a si mesmo. Não há distância entre interpretante e interpretação. (SEIBT, 2010, p. 12)

Postas as justificativas e as ressalvas necessárias, agora me detenho na explicação os movimentos propostos por Rezende (1990, p. 70-71) e que segui durante o levantamento, análise e correlacionamento dos dados. Desde a formulação da pergunta guia até a elaboração de um questionário e o levantamento dos dados, operei o que se chama *a constatação descritiva da realidade*, em que se objetiva suportar através de dados os cenários, situações ou ambientes e os que estão neles inseridos; ao estabelecer relações possíveis e necessárias que explicitam a riqueza semântica dos dados e, em última instância, sua polissemia característica, realizei *o tratamento interpretativo dos dados*, pouco a pouco construindo uma leitura autoral; por fim, ao sugerir um rumo ou uma orientação através da leitura e da atribuição de um sentido essencial, coloquei em jogo *a manifestação projetiva das consequências e alternativas possíveis* (REZENDE, 1990, p. 70-71).

Josgrilberg (2015, p. 12) descreve duas linhas possíveis na fenomenologia da educação: “uma, no aperfeiçoamento e compreensão do ato de educar; outra, oferecer um caminho para a autonomia da observação em primeira pessoa do estudante”. Aqui elas se confundem, pois se por um lado minha reflexão afeta como atuo nas ações educativas do Pibid, por outro lado não deixo de ser um professor em formação inicial fazendo uma observação em primeira pessoa.

O(s) ser(es) no(s) mundo(s)

Há dois conceitos fundamentais na fenomenologia heideggeriana, o primeiro é o *ser-aí*, neologismo do qual se vale o autor para descrever o sujeito que se percebe enquanto existente (NUNES, 2002, p. 12); o segundo é o *ser-no-mundo*, termo usado para expressar uma relação fundamental entre os seres e o mundo em que se situam (NUNES, 2002, p. 15). Portanto, posso afirmar que nessa relação ou processo de diferenciação residem os sentidos; operando uma apropriação dessa lógica, caracterizaria como analogamente fundamental a relação entre o Pibid e aqueles que dele fazem parte. Sendo assim, a morada do

sentido que busco me parece ser, justamente, essa relação intersubjetiva. Por isso, considero necessária a compreensão dos que me cercam e de onde me insiro para, então, melhor compreender a mim mesmo.

Retornando ao primeiro movimento proposto por Rezende (1990, p. 70), parti da minha pergunta para elaboração de um questionário em que busquei, com base nas respostas de outros bolsistas e voluntários ID, um retrato do subprojeto de Inglês do Pibid enquanto ambiente de relações intersubjetivas. Pelo alinhamento com a fenomenologia, fiz duas escolhas que me parece necessário justificar.

Primeiro, todas as perguntas são de caráter subjetivo para que o horizonte das respostas fosse tão largo ou livre quanto possível, possibilitando uma expressão mais próxima das vivências, ainda que não se possa afirmar uma real relação entre as experiências e as respostas levantadas. Segundo, optei pela repetição do verbo “descrever” seja por considerá-lo um dos verbos fundamentais da fenomenologia seja por exprimir minha necessidade por um retrato tão amplo quanto possível do ambiente e das relações nele inseridas.

Abaixo transcrevi integralmente as perguntas do questionário respondido on-line por 48 dos 60 membros de ID, do subprojeto de Inglês, durante o período de 12 a 17 de abril de 2019. O envio foi feito por e-mail por uma das professoras-coordenadoras do subprojeto de Inglês. Ela compartilhou o link com os bolsistas e voluntários, convidando-os a responderem; tentei, dessa forma, evitar possíveis constrangimentos futuros entre respondentes e eu. Além disso, não houve nenhuma referência a obrigatoriedade de se responder, sendo a participação voluntária.

1. *O que o Pibid significa para você?*
2. *Como você descreveria sua atual vivência enquanto membro do Pibid?*
3. *Quais as diferenças entre as expectativas do projeto e a atual realidade?*
4. *Como você descreveria sua relação com o coordenador de área?*
5. *Como você descreveria sua relação com o seu supervisor?*
6. *Como você descreveria sua relação com os demais membros do projeto?*
7. *Como você descreveria sua relação com os alunos que observa?*
8. *Qual influência o Pibid tem exercido na sua formação?*

Visto que já relatei como procedi na submissão do questionário, passo agora ao segundo momento em que apresento algumas das respostas mais significativas. Ressalto que transcrevi todas as respostas tais como foram escritas pelos respondentes, fazendo adições entre colchetes quando me pareceu necessário para proporcionar uma melhor compreensão ou experiência de leitura. Isto posto, justifico que, tanto pela natureza qualitativa do trabalho quanto pela extensão possível do texto atual, apresentarei duas respostas para cada pergunta, considerando como critério as que eram as mais representativas tanto do fenômeno como um todo quanto de importantes nuances. As respostas seguem linearmente a ordem das perguntas, sendo essas últimas referenciadas pelo número no início de cada excerto. Meus itálicos atentam para trechos que são relacionados com meus comentários subsequentes, sendo esses importantes nas considerações acrescidas na derradeira seção deste trabalho. Nomes fictícios foram adotados pelo autor para facilitar referências às respostas e para preservar a identidade dos respondentes.

1. Uma oportunidade de aprendizado in loco, pois quando *estamos "dentro"* / vivenciando o que a escola pública tem e passa, *mudamos nossa* maneira de pensar e podemos rever *nossas* futuras metodologias de ensino, haja vista que para cada caso / turma / aluno temos que de certa forma *nos adequarmos* a eles. (Natasha)

Na resposta de Natasha, destaco a maneira como ela emprega a primeira pessoa do plural, apesar da pergunta, bem como as demais outras, se dirigir a ela no singular.

1. O Pibid para mim é um combustível no incentivo das reflexões do ser docente. *Através das inúmeras experiências junto com os supervisores e as coordenadoras*, o Pibid vem somando constantemente com oportunidades positivas para a minha carreira [en]quanto futuro professor. (Mikail)

Nesse segundo caso, salta aos olhos a diferença em relação à primeira resposta, principalmente pelo uso do singular. Contudo, vale atentar para a referência explícita a outros membros envolvidos no Pibid, os supervisores e as coordenadoras, e como vivenciam “inúmeras experiências” juntos.

2. Atualmente no projeto, participo de *reuniões presenciais e também*

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

discussões a respeito de artigos com temas bastante relevantes para a formação de professores e cidadãos no blog. Além disso acompanhamos presencialmente aulas dos supervisores nas escola participantes tornando a vivência mais relevante. (Joelma)

Para Joelma, as atividades coletivas realizadas no subprojeto de Inglês são relevantes para além das questões de formação profissional. Ela também emprega a primeira pessoa do plural, pois as aulas são acompanhadas, normalmente, em duplas ou trios.

2. Muito significativa, pois *aprendo muito com meus colegas e supervisora, onde eu me vejo mais deficiente, um outro colega vem e ajuda... trocamos experiências e idéias. (Mizanzika)*

Mizanzika expressa, claramente, como os colegas e a supervisora são fundamentais em sua vivência no Pibid, nos processos de aprendizado e nos trabalhos colaborativos, nas dificuldades e nas trocas de experiências e ideias.

3. Inicialmente, acreditei que o projeto seria apenas para visitas na escola, mas descobri que vai muito além disso, *fazemos leituras, projetos, apresentações. As experiências vão muito além do convívio em sala de aula. (Scarlet)*

No que se refere à expectativa, a resposta de Scarlet mostra o quão plural são as ações do projeto e como extrapolam a sala de aula. Corroborando a resposta de Joelma, acerca da contribuição para além do âmbito profissional. Novamente, há o emprego da primeira pessoa do plural, mostrando como, normalmente, se trabalha em equipe no subprojeto de Inglês do Pibid.

3. *Conheci várias pessoas de personalidades diferentes, li diversos textos sobre ensino, aprendizagem e educação e isto fez com que meu interesse na área aumentasse, assim como influenciou no meu pensamento sobre os três assuntos citados acima. (Sasha)*

Assim como outras respondentes, Sasha não dissocia sua experiência no programa da presença dos demais sujeitos que o constituem. As atividades realizadas com e no Pibid influenciaram sua visão no que se refere a importantes pilares da formação docente.

4. Amo a minha coordenadora de coração, sempre dando “empurrãozinhos” para *participarmos* mais, *darmos o nosso melhor*, *nos expor mais ao público*. Pois sair da zona de conforto é assustador, *mas saber que fora dela temos o apoio da nossa coordenadora é um alívio*. (Peter)

Ao descrever sua relação com a coordenadora de área, Peter ressalta a importância de seu incentivo e apoio provido por sua coordenadora. Também é notável que a intenção dele não é de se referir a si mesmo, ou seja, no singular, individualizando a experiência, mas, na contramão, de expressar a sua experiência coletiva.

4. Gosto muito da forma como *minha coordenadora me faz sentir capaz de tudo*. *Ela acredita muito no potencial dos pibidianos e isso tem influência direta nos resultados obtidos*. (Börte)

Além de Peter, Börte também faz referência à importância da coordenadora para os *pibidianos* e, aqui, ela também fala em nome de um coletivo, que representa o subprojeto de inglês.

5. Incrível! O *nosso supervisor* é totalmente capaz e *em toda aula que observamos aprendemos* alguma coisa sobre essa profissão que *queremos seguir*. Está sempre disponível para *nos ajudar, nos guiar e nos mostrar* que a estrada pode ser um pouco difícil, mas que com certeza vale a pena o esforço. (Giles)

Giles corrobora o uso da primeira pessoa do plural ao descrever sua relação com o supervisor. Ao se referir a como supervisor age, ele também se enxerga como parte de um coletivo. Aqui, o supervisor parece fundamental na sua experiência, pois mostra como o seu vale a pena.

5. Minha supervisora é super aberta a sugestões, está sempre *perguntando o que precisamos*, ajudando da maneira que pode em tudo.. é comunicativa, envolvida, inteligente *e, da mesma maneira que se preocupa com seus alunos, preocupa-se também com cada membro do grupo* (se estamos bem na escola ou até mesmo particularmente). (Pitty)

Bem como os outros respondentes, Pitty também intenciona representar e expressar a coletividade. Além disso, ela descreve como sua supervisora se preocupa tanto em âmbito

profissional como pessoal com os seus alunos e seus *pibidianos*.

6. Perfeita! *estamos sempre unidos colaborando juntos para uma relação em equipe e sempre discutindo sobre meios para ajudar os alunos da escola a se interessar pelo aprendizado da língua inglesa.* (Elvira)

Outra vez, temos uma resposta que exterioriza a presença do trabalho em equipe e da coletividade em prol de melhoria para os alunos. Temos, além disso, uma troca de experiências entre os diversos participantes desse processo educativo no qual se insere o Pibid.

6. *Uma relação de companheirismo.* (Rochele)

A sintética resposta de Rochele expressa algo que perpassa as demais respostas aqui compartilhadas, pois companheirismo é a palavra por ela usada para descrever o Pibid.

7. Uma relação respeitosa, é ótimo ver os alunos nos olhar com administração [admiração], *pelo caminho que estamos trilhando.* Digo que é uma relação respeitosa pois *eles de fato nos tratam como professores.* Além disso, a curiosidade e o interesse de alguns a respeito da nossa futura profissão, *talvez nós estejamos inspirando muitos alunos a segui-la tbm.* (Judith,)

Outro fenômeno cujo destaque se mostra relevante está representado na resposta de Judith. Temos uma visão de como as equipes de *pibidianos* são vistas pelos alunos como professores e, além disso, ela também faz uma referência a possibilidade de os alunos nos terem, digo *pibidianos*, como fonte de inspiração.

7. Enriquecedora. *Ao abrir espaço para discussões passamos a entender mais um pouco das realidades dos alunos da escola, acabamos ajudando no desenvolvendo [desenvolvimento] do pensamento crítico deles e aprendendo bastante com eles também.* (Slavoj)

Slavoj, além de expressar a presente noção de coletividade através do uso da primeira pessoa do plural, parece empenhado em retratar a importância dos *pibidianos* na vida dos alunos da escola pública em que atuam e como a experiência no Pibid também o ajuda a

melhor compreender essa realidade.

8. I
nfluência de aprendizado, o Pibid como ouvi de uma ex-participante, pode ser considerado o mar, amplo vasto e cheio de oportunidades de aprendizagem das mais diversas formas. *Aqui eu tenho as chances de errar e acertar, pq sei que nos erros terei com quem contar para me ajudar a tomar o caminho certo, aprendizados diários com os alunos e experiência para levar pra vida toda como discente e docente.* (Marilena)

Além de explicitar que, enquanto pibidiana, ela também aprende com os alunos, Marilena narra a segurança que sente pelo suporte que recebe dos demais membros do Pibid. Por fim, ela explica que o que está vivenciando terá valor para toda sua vida.

8. São pontos positivos não precisar esperar até o estágio para começar a unir teoria e prática, e também o fato de *termos o suporte dos supervisores e dos colegas pibidianos.* (Vladimir)

Bem como muitas outras respostas, a de Vladimir se vale da primeira pessoa do plural. Ele faz uma referência aparentemente positiva à experiência, seja por possibilitar unir teoria e prática ou seja por, nesse processo, ele poder contar com o suporte dos supervisores e dos colegas *pibidianos*.

Ao apresentar e comentar essas respostas, operei, parcialmente, o segundo movimento descrito por Rezende (1990, p. 71). Dessa forma, preparei o terreno para encerrar o trabalho interpretativo, propondo, a partir da hermenêutica fenomenológica, uma essência do fenômeno Pibid, dedicando, também, alguns parágrafos para o derradeiro movimento proposto pela fenomenologia da educação (REZENDE, 1990, p. 71). É sobre esses dois eixos que me dedicarei na próxima seção.

Uma conclusão possível?

Para encerrar, primeiro tentarei sintetizar a articulação construída ao longo deste trabalho. Ao me colocar em um processo de reflexão heurística, tento responder minhas próprias questões e refletir sobre minhas próprias vivências. A justificativa dessa articulação

se deu, principalmente, na segunda seção. Contudo, segundo a fenomenologia, é ao tentar descrever e estabelecer relações entre diferentes experiências e realidades que alcançamos uma leitura essencial de nossas experiências, como explanei na terceira seção. Portanto, compreendo que essa leitura reside nas relações com os mundos e aqueles que o compartilham, sendo, dessa forma, necessário refletir sobre e estabelecer relações com os outros para compreender a si mesmo, o que me propus a fazer na quarta seção. Por fim, descrever enquanto fenômenos as vivências humanas não é, por si só, suficiente, porque se torna necessário interpretá-las para que possamos propor, de fato, uma leitura essencial, o que me proponho agora a fazer.

Corroborando a afirmação de Seibt (2012, p. 92), de que “A vivência não se coloca diante de mim, como um objeto, mas estou totalmente envolvido nela, faço parte do seu fluxo”, explico que não é uma possibilidade e nem mesmo uma intenção me desvincular das minhas vivências como bolsista de ID no subprojeto de Inglês. Afinal, também faço parte desse fluxo, das trocas de experiências intersubjetivas e dos aprendizados coletivos, e, portanto, as respostas que apresentei, ao se referirem a “nós”, se referem também a mim. Interpretá-las é, também, me interpretar e, apesar da preocupação da fenomenologia com a descrição de fenômenos da experiência humana, a hermenêutica, cujo foco é a interpretação dessas experiências, pode com ela se harmonizar; a junção dessas correntes constitui a chamada hermenêutica fenomenológica (IFA, 2015, p. 222).

Na leitura que sugiro a seguir, estou partindo das respostas que compartilhei e correlacionei para apontar o que considero ser a essência do fenômeno por mim descrito e vivenciado. Tratando o subprojeto de Inglês do Pibid como um fenômeno educativo, considero que há nuances orbitando minha leitura, que apareceram durante a correlação de dados, e uma possível resposta para pergunta que levantei no início deste texto. Diria que o subprojeto de Inglês do Pibid, enquanto ambiente de influência na formação inicial em língua inglesa daqueles nele inseridos, traz como centralidade de seus processos educativos o compartilhamento e a troca de experiências, como corroboram os excertos da seção anterior; dessa forma, considero-o um espaço propício a construções de sentido intersubjetivas

mediadas, normalmente, pelas diversas atividades e vivências que nele se situam. Portanto, é um fenômeno essencialmente colaborativo, em que os graduandos com habilitação em Inglês passam, através dos processos de relação e de diferenciação entre si e o ambiente nos quais se inserem, a se perceber como professores em formação inicial. Como foi mostrado, nós, *pibidianos* de Inglês, falamos no plural, pois, seja considerando as referências às professoras-coordenadoras, aos supervisores ou até mesmo, quem sabe, aos alunos, fazemos parte de e nos entendemos enquanto inseridos em um processo educativo *essencialmente* coletivo e, talvez, seja esse o significado de fazer parte do Pibid.

Referências

FONSECA, Ana Lúcia Simões Borges; TAVARES, Roseanne Rocha. “Being” critical in multiliterate societies: a Heideggerian analysis. *Critical Literacy: Theories & Practices*, v. 4, n. 2, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

IFA, Sérgio. A formação inicial de professores de língua inglesa em processo de letramento digital e a abordagem Hermenêutica-Fenomenológica. In: ZOZZOLI, Rita Maria Diniz et alii (Orgs.). *Sala de aula e questões contemporâneas*. Maceió: EDUFAL, 2015.

JOSGRILBERG, Rui. Fenomenologia e educação. *Notandum*, v. 38, 2015.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário Trindade. O Professor de Inglês e os Letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, Clarissa Menezes et alii. (Orgs.). *Formação (Des) formatada: práticas com professores de língua inglesa*. Campinas: Pontes, 2011.

MOUSTAKAS, Clark. *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage, 1994.

NASCIMENTO, Ana Karina de Oliveira. Neoliberalismo e Língua Inglesa: um estudo de caso por meio do Pibid. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 71, n. 3, p. 39-58, dez. 2018.

NUNES, Benedito. *Heidegger & ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

SEIBT, Cezar Luís. Educação e conhecimento a partir da fenomenologia hermenêutica. In: *V Congresso Internacional de Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, p. 1-16, 2010.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da fenomenologia “reflexiva” à fenomenologia hermenêutica. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 19, n. 31, p. 79-98, 2012.

TELLES, João A. “É pesquisa, é? Ah, não quero não bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.